

IN MEMORIAM

AVELINO IGNACIO DE OLIVEIRA

Um dos mais velhos técnicos pioneiros, que anos a fio se dedicaram ao difícil problema de pesquisa de petróleo no Brasil, acaba de falecer em Buenos Aires — Argentina, onde estava passando uma longa temporada, acompanhando sua única filha que ali está residindo. O desenlace se deu no dia 15 de abril, tendo sido o corpo trasladado para o Brasil, efetuando-se o enterramento na sua cidade natal, no dia 19 do mesmo mês.

AVELINO nascera em Uberaba — Minas, em 10 de novembro de 1891, descendente de conceituada família de fazendeiros. Fêz o seu curso de humanidades no Ginásio dos Maristas, em Uberaba, onde se bacharelou em Ciências e Letras em 1908, tendo se matriculado no curso anexo da Escola de Minas de Ouro Preto em 1909, e no primeiro daquela Escola em 1910, graduando-se como Engenheiro de Minas e Civil em 1916.

Até setembro de 1917, estêve exercendo sua profissão na sua cidade natal. Ingressou — ao tempo de Gonzaga de Campos — no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, em fins de 1917, sendo designado geólogo ajudante da Comissão de Pesquisa de Carvão no Amazonas, estacionando em modesta barraca de palha na margem do rio Parauari, onde foi encarregado das sondagens que se realizavam naquele vale do Maués.

Em 1919 é investido na chefia da Comissão e, além da responsabilidade das sondagens, executa, com verbas escassas, viagens de estudos geológicos em diversas áreas da região amazônica, como as dos rios Capim, Guamá, Pacajá, costa de Salinas, etc. Verifica in loco as ocorrências de combustíveis sólidos — linhtos — na região do Solimões (Tabatinga), rio Javari, Içá, etc., fronteira com o Peru.

Para mostrar a personalidade de AVELINO DE OLIVEIRA, conhecem, os seus amigos íntimos, um fato que amplamente o caracteriza. Executada aquela tarefa penosa, desciam

os expedicionários o rio Solimões com cerca de dez toneladas de material colhido para análises industriais a serem realizadas no Rio de Janeiro. A pequena lancha a vapor que a Comissão tinha afretada foi severamente castigada por um tremendo temporal, e as violentas ondas que se formaram fustigavam incessantemente a pequena embarcação, colocando-a em sério perigo.

AVELINO — já bastante afeito à vida amazônica — assume o comando da lancha, ao perceber a fraqueza do mestre da tripulação. Este passou a AVELINO o único salva-vidas existente no barco e dele desfez-se o engenheiro aludido, chamando o seu colega e assistente técnico Paulino Franco de Carvalho, dizendo-lhe:

«Vista este salva-vidas porque V. não sabe nadar. Há perigo de naufrágio. Confie, todavia, pois tomarei conta do leme e espero salvar o barco, a carga e nossas vidas.»

Faz reconhecimento geológico em grande extensão do rio Xingu; em seguida, é nomeado chefe da missão brasileira para acompanhar a missão oficial americana de estudos de solos e de borracha, chefiada pelo técnico Schultz e tendo especialistas em matéria de seringueiras e, também, de pedologia (solos).

Durante cerca de 10 meses viajaram essas Comissões pelos principais rios amazônicos, nos Estados do Pará, Amazonas e Acre. Em seguida, o Eng. AVELINO teve incumbência de estudar a região do Rio Branco, fronteira com a Venezuela e Guiana Inglesa. Nessa viagem, fêz êle contato com o geógrafo Hamilton Rice, que fazia estudos científicos naquela região. Percorre, no ano seguinte, 1926, o rio Erepecuru, afluente do Trombetas, indo até seus campos gerais.

Em 1925, a Comissão de Carvão foi extinta e as sondagens subseqüentes tinham, como objetivo, a pesquisa de petróleo, que foi reali-

zada nas imediações de Itaituba e, também, depois, nas proximidades de Monte Alegre. Em 1933, com a reforma do Ministério da Agricultura, AVELINO DE OLIVEIRA foi transferido para o Rio, vindo aqui chefiar uma seção técnica do Serviço de Fomento da Produção Mineral, passando logo em seguida a ser o substituto do Diretor Djalma Guimarães. Com a exoneração espontânea deste — abandonando o serviço público federal — AVELINO foi guindado a Diretor e também substituto do Diretor Geral do DNPM.

Acêsa, ia, então a campanha do petróleo, contra os órgãos oficiais e seus técnicos, e, nessa emergência, ele demonstrou, como sempre, a sua correção e o seu patriótico modo de agir. Era ele o Diretor do órgão que realizava a busca de óleo e, nesse período, ele se revelou um lutador equilibrado e um grande patriota. Com o seu poder de decisão, tomou então uma atitude que resolveu a querela sobre o Lobato, na Bahia, e a sonda que ele enviou para aquela local, foi a que deu o primeiro poço de petróleo no Brasil, no célebre furo 163 do DNPM. A AVELINO DE OLIVEIRA deve, incontestavelmente, o Brasil, preito de gratidão pela sua esclarecida atuação. Edita, naquela ocasião, não somente o mapa geológico do Brasil, como, ainda, o mapa de possibilidades de petróleo no Brasil, ou seja, a carta de nossas bacias sedimentárias com a sua gradação de possibilidades para óleo. A sua atividade na Diretoria foi marcante.

Em 1938, é requisitado para o novo órgão — Conselho Nacional do Petróleo — recém-instalado. Chefia a sua Seção Técnica até 1942, quando é chamado novamente para Diretor do Fomento da Produção Mineral. Em 1944, regressa para o Conselho Nacional do Petróleo, então para ser o Diretor da Divisão Técnica e também Vice-Presidente daquele importante órgão. Sua atuação, aí, está consubstanciada no progresso dos trabalhos, aumento de geólogos e intensa atividade em todas as bacias sedimentares; aumento de novos campos de petróleo, na Bahia, e início das perfurações na Amazônia, na foz do grande rio.

Em 1951, é chamado para Diretor Geral do DNPM, cargo onde se manteve até 1961, quando se aposentou. Não parou, por isso, de trabalhar. Foi lecionar Geologia de Petróleo na Escola de Geologia do Rio de Janeiro, pela qual ele muito batalhara para sua fundação, assim como das outras congêneres no País. Tem diversos trabalhos publicados e avulta, dentre todos, a Geologia do Brasil, de parceria com o Prof. Othon Leonardos, com duas edições de há muito esgotadas.

Trabalhou ininterruptamente, durante meio século, em assuntos de geologia e de petróleo, com bagagem valiosíssima, para conhecimento de nossas riquezas minerais, principalmente o petróleo.

Pedro de Moura